

TRAVESSIA

revista do migrante

Publicação do CEM - Ano XVII, número 48, Janeiro-Abril/2004



ISSN - 0103-5576

FRONT EIRAS

CRUZANDO A LINHA

Um olhar de fé sobre a fronteira EUA-México

Daniel Groody *

(Traduzido do inglês por Heitor Castoldi, cs)

Em maio de 2003, policiais encontraram os corpos de 18 imigrantes indocumentados dentro de um veículo abandonado em Victoria, Texas. Desidratados devido a um traiçoeiro percurso, eles tinham sido sufocados pelo excessivo calor de um trailer sem ventilação após terem sido empacotados como sardinhas. Eram homens, mulheres e até mesmo um menino de seis anos, oriundos de Honduras, México e Guatemala. Como muitos outros, tinham deixado seus lares, famílias e culturas para, nos Estados Unidos, encontrar os empregos que entre os nacionais quase ninguém mais quer, tais como: fazer trabalhos pesados nos campos, desossar frangos em aviários, limpar banheiros em restaurantes e muitos outros serviços difíceis, perigosos e mal remunerados.

Enquanto a história das mortes em Victoria, Texas, rende notícias internacionais, muitos fatos similares acontecem todos os dias ao longo da fronteira EUA-México. O sofrimento de tantos imigrantes na fronteira não é apenas um problema econômico, político e social, mas é igualmente um problema espiritual. É um desafio para a consciência das nações, e também nos leva a pensar onde, entre este trágico prejuízo de vidas e horrenda miséria humana, Deus poderia estar?!

A fronteira EUA-México tem aproximadamente 3.140 Km de extensão, e se estende desde as praias do Oceano Pacífico próximas a San Diego, Califórnia, às praias do Golfo do México próximas a Brownsville, Texas. Politicamente, é a divisa entre o México e os Estados Unidos. Economicamente, é a linha divisória entre a pobreza da América Latina e a prosperidade dos Estados Unidos. Para os pobres da América Latina, que ganham três dólares por dia ou menos (e mesmo empregos de baixa remuneração estão escassos), a perspectiva de emigrar para os Estados Unidos e ganhar quatro dólares por dia ou mais é muito atraente.

Diariamente, milhares de imigrantes tentam entrar para os Estados Unidos ilegalmente através da fronteira sul. Incapazes de obter a documentação apropriada devido a razões políticas e econômicas, estes imigrantes, em seu desespero, andam através de áreas desoladas para contornar longos e intransponíveis muros, câmeras de fiscalização, tecnologia militar e os olhos vigilantes dos agentes da patrulha de fronteira. Eles transpõem altas montanhas e atravessam desertos inóspitos e sem água para chegar aos Estados Unidos. Alguns ficam sem comida e sem água ao longo do caminho e nunca chegam ao seu objetivo. Outros são

hospitalizados com vários tipos de doenças relacionadas ao calor. Outros ainda são presos, postos em centros de detenção para imigrantes e, finalmente, deportados. Alguns, milagrosamente, conseguem chegar ao seu destino unicamente para encontrar um rol inteiramente novo de desafios que os aguarda numa terra estranha e desconhecida. Devido às crescentes políticas restritivas em relação ao controle da fronteira, que têm forçado os imigrantes a enfrentar riscos ainda maiores para entrar nos Estados Unidos, o pedágio da morte tem subido exponencialmente na última década. Entre 1961 e 1989, 80 pessoas morreram enquanto tentavam atravessar da Alemanha Oriental para a Ocidental na esperança de encontrar uma vida melhor e um futuro mais promissor no outro lado do Muro de Berlim. Entre 1995 e 2003, mais de 2.500 imigrantes morreram enquanto tentavam atravessar a fronteira EUA-México na esperança de encontrar uma vida melhor e um futuro mais promissor nos Estados Unidos. Hoje, em média, morre um imigrante por dia tentando atravessar do México para os Estados Unidos.

A situação dos imigrantes indocumentados pode ser politicamente complexa, mas não deixa de trazer à mente as palavras de Mateus 25, onde Jesus fala do

juízo das nações:

“... Pois eu estava com fome e vocês me deram de comer, estava com sede e me deram de beber, era estrangeiro e me receberam em sua casa, estava doente e cuidaram de mim, estava na prisão e foram me visitar” (Mateus 25, 35-36).

Ao final, Jesus acrescenta: *‘todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram’.*

Estudiosos podem continuar a debater o significado da expressão ‘a um dos menores de meus irmãos’, mas os paralelos entre Mateus 25 e a situação dos imigrantes mexicanos que se dirigem aos Estados Unidos hoje são impressionantes: famintos em suas pátrias, sedentos nos traiçoeiros desertos que eles cruzam, estrangeiros em sua nova terra, sem roupa depois de serem assaltados à mão armada pelas gangues de bandidos, doentes devido ao calor excessivo e aprisionados em centros de detenção, esses imigrantes manifestam de modo impressionante a presença de Cristo no mundo.

Pessoas e grupos procuram dar respostas individuais e coletivas à situação deles, respostas que por sua vez incorporam as obras de misericórdia que o Jesus de Mateus menciona. Grupos, tais como *Humane Borders*, colocam à disposição milhares de galões de água a cada ano para auxiliar os imigrantes em apuros. O grupo *Samaritan Patrol* envia voluntários treinados e uma equipe médica para ajudar os famintos e doentes. O grupo *Valley Missionary Program*, em Coachella, Califórnia, oferece refúgio e suporte comunitário para ajudar os imigrantes marginalizados a encontrar um lar numa terra estrangeira. E grupos de direitos humanos, tais como *Derechos Humanos*, procuram quebrar os

grilhões que aprisionam injustamente os imigrantes. Apesar destes esforços, os imigrantes indocumentados continuam sendo os mais vulneráveis da sociedade estadunidense. Embora seus clamores sejam freqüentemente ignorados, embora suas vozes sejam de fato silenciadas em meio ao crescente interesse em relação ao terrorismo e à segurança nacional, suas narrativas podem enriquecer muito nossa espiritualidade cristã nos dias de hoje e nosso encontro com Cristo na sociedade contemporânea.

‘Eu estava com fome e vocês me deram de comer’

Para a maioria dos imigrantes indocumentados que ingressam nos Estados Unidos vindos do México e da América Central, a decisão de deixar o lar começa com pontadas de fome. O emprego é escasso, os salários diminuem cada vez mais, o crescimento econômico é lento e a pobreza é generalizada. Especialmente nas zonas rurais, muitas famílias estão lutando simplesmente para sobreviver. Gustavo, de Cuernavaca, México, coloca isto desta maneira:

“Às vezes meus filhos vêm a mim e dizem: ‘Pai, eu estou com fome’. E eu não tenho dinheiro suficiente para comprar comida para eles. E não posso contar a eles que não tenho nenhum dinheiro, porque de fato não tenho. Eu mal consigo colocar feijão, batatas e tortilhas na mesa com aquilo que eu ganho. Se tiver sorte, posso ter o luxo de comer batatas fritas ou um pedaço de bolo uma vez por semana. E é assim. Eu me sinto muito mal, mas nada é pior do que ver seus filhos com fome olhar você nos olhos e saber que você não tem o suficiente para dar a eles.”¹

Mesmo a patrulha da fronteira

admite que 98% dos imigrantes indocumentados não são traficantes de drogas ou criminosos, mas pessoas que trabalham duro procurando um trabalho com o qual possam sustentar suas famílias. Atravessam o deserto porque têm de fazê-lo, arriscam suas vidas porque estão procurando trabalho, e é deste sofrimento que emerge uma profunda espiritualidade. Como John Annerino afirma, “Nada poderá parar estas pessoas honestas em sua busca por uma vida melhor: nem o mortífero deserto e nem a transformação da ‘cortina de tortilha’ em Cortina de Ferro.”²

A polarização econômica entre México e Estados Unidos tornou-se mesmo mais clara para mim quando eu conversei com pessoas de ambos os lados da fronteira. No lado mexicano, um imigrante de nome Moisés disse-me que veio para a região fronteiriça *‘procurando conseguir dinheiro suficiente para que minha família tenha pão para comer’*³. No lado norte-americano, longe apenas algumas milhas, conversei com uma mulher num recanto turístico de San Diego a qual disse que veio para a região fronteiriça *‘procurando por uma especialidade de pão que eu não posso encontrar em nenhum outro lugar’*⁴. Minhas conversas com estas duas pessoas simbolizam a perturbadora realidade da fronteira, um lugar onde duas pessoas podem buscar o seu pão cotidiano a partir de dois diferentes pontos de partida: um, do desespero e privação; outro, da abundância e do luxo. A fronteira é um lugar onde o imigrante indocumentado e o residente legal podem habitar o mesmo espaço geográfico, embora vivam em dois mundos totalmente diferentes.

Para muitos imigrantes, a viagem para a fronteira México-EUA é uma viagem de Lázaro à porta do rico (Lucas 16, 19-31). Ou seja, significa

sentar fora dos portões, desejando ardentemente comer as sobras que caem da mesa econômica dos Estados Unidos. É impressionante constatar que no Evangelho de Lucas nós aprendemos o nome do homem pobre, Lázaro, mas nunca aprendemos o nome do homem rico. O nome 'Dives' aparece nos tempos medievais: 'dives' é a palavra latina para 'rico', usada na tradução da Vulgata. Assim, nós não sabemos o nome do homem rico, mas conhecemos bem o nome do homem pobre. Ao longo da fronteira mexicana, entretanto, acontece o contrário. Conhecemos os nomes dos ricos e famosos, mas os dos pobres são freqüentemente desconhecidos. Muitos daqueles que encontraram a morte no deserto são enterrados em cemitérios sem qualquer sinal, com apenas uma inscrição no tijolo que diz 'João Ninguém' ou 'Joana Ninguém'. Uma das mais importantes lutas em favor dos imigrantes, e a base de sua espiritualidade, é a busca pela dignidade humana. Embora eles experimentem uma fome de pão, sua fome principal é mais profunda: é a fome de serem reconhecidos e valorizados como pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus.

'Eu estava com sede e me deram de beber'

Embora muitos imigrantes lutem contra a fome em suas pátrias, muitos outros morrem de sede quando fazem a traiçoeira jornada através dos desertos da Califórnia, Arizona, Novo México e Texas. Os imigrantes têm de caminhar em torno de cinquenta ou sessenta milhas (80 e 96 Km, respectivamente) sob temperaturas de mais de 49°C antes de alcançar as

principais rodovias e cidades. Tão intenso é o calor do sol que garrafas plásticas de água ressecam a tal ponto que se esmigalham como batatas fritas.

Tais condições levam muitos imigrantes a tomar medidas desesperadas em busca de água. Alguns quebram os cactus e sugam os fluidos de suas fibras. Outros bebem a água contaminada de açudes e de bebedouros de animais, infestados de toda espécie de parasitas e outros seres microscópicos que transmitem doenças. Alguns imigrantes, para sobreviver, recorrem ao artifício de beber a própria urina, ou mesmo aquela de animais das fazendas. 'Não é agradável', disse Daniel, 'mas quando você se depara com a possibilidade de morrer de sede, você faz o que tem de fazer'⁵.

Em meio a tanto desespero, é impressionante ouvir histórias da generosidade espontânea que o espírito dos imigrantes visivelmente expressa.

Quando Roberto cruzou o deserto, alguns anos atrás, encontrou um casal que estava caminhando há três dias. A água havia acabado e seus lábios estavam brancos. Eles andaram ao léu pelo deserto e estavam confusos, como zumbis, apresentando sinais de hipertermia e desidratação. Não raramente, imigrantes como Roberto, que sentem de perto a realidade do sofrimento, são sensíveis às necessidades dos outros. Roberto ofereceu ao casal a pouca água que ainda dispunha e salvou suas vidas. Quando indaguei Roberto sobre o acontecido, ele respondeu: 'Não foi um ato heróico, foi simplesmente uma ação que nasceu do coração; foi simplesmente a coisa certa que eu devia fazer'⁶.

Quando nós refletimos sobre a ação de Roberto, é interessante notarmos que em Mateus 25, nem os condenados ao inferno e nem os salvos reconheceram a presença de Cristo no

pobre. Nós, geralmente, pensamos que os virtuosos, como Madre Teresa de Calcutá ou Dorothy Day, devem ter um vívido senso da presença de Cristo entre aqueles que eles servem. Mas em Mateus 25 ouvimos: 'Senhor, quando foi que nós te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber?' (Mateus 25,37). Paradoxalmente, o justo não percebe como suas ações virtuosas são sacramentais. A história de Roberto revela uma espiritualidade que nasce em resposta àqueles que sofrem, sem o interesse do benefício pessoal, sem considerar a nacionalidade da pessoa, sem considerar até mesmo a si próprios ou seu futuro.

'Eu era estrangeiro e me receberam em sua casa'

Deslocados de seus lares, imigrantes que se dirigem para os Estados Unidos freqüentemente têm um sentimento de profunda separação de tudo aquilo que gostavam. Muitos deixaram para trás suas esposas, filhos e demais familiares para tentar a sorte nos Estados Unidos, que na sua imaginação representa a terra prometida. Porém, quando chegam, logo ficam desapontados. Mesmo quando conseguem obter um trabalho, freqüentemente espantam-se se seus empregadores simplesmente os vêem como corpos sem coração ou sentimentos, sem mente ou alma, valorizados unicamente por sua contribuição econômica e não por seu potencial humano e espiritual. Eles experimentam um sentimento de alienação em relação à cultura, família, sociedade, personalidade e mesmo Igreja.

Em virtude da humilhação que

muitos imigrantes experimentam, eles freqüentemente sentem que suas vidas são piores do que as dos cachorros. Na parábola do homem rico e Lázaro, Lucas diz que até mesmo os cães vêm lambar as feridas de Lázaro (Lucas 16,21). Não é raro os imigrantes encontrarem mais coisas em comum com os cachorros do que com os outros seres humanos que estão longe da fronteira. Vejamos o que diz Miguel:

“Uma das piores coisas de ser um imigrante é o sentimento de discriminação, de ser controlados e tratados de maneira rude como se você fosse um escravo e humilhados porque você é um estrangeiro. Às vezes eu tenho a sensação de que mesmo os cachorros devem viver melhor do que nós, como eu sou a mais baixa forma de vida na Terra. Não há sentimento pior do que sentir que você não é merecedor de algo como ser humano.”⁷

Um dos maiores desejos dos imigrantes indocumentados é simplesmente o de serem acolhidos pelos outros numa sociedade que está constantemente reforçando sua inferioridade.

‘Eu estava sem roupa e me vestiram’

Um dos homens que quase morreu sufocado num trailer em Victoria, Texas, era um homem chamado Angel⁸. Depois que ele deixou a Guatemala e migrou em direção ao Norte com seu irmão e com sua irmã, sete gatunos os atacaram, amarraram e estupraram sua irmã bem à frente de seus olhos. Durante a viagem, outras três vezes foram atacados, roubados e até mesmo baleados por malandros. Numa ocasião, os gatunos tomaram todas as suas roupas, deixando-os quase nus, só de cuecas. Angel foi

espancado de modo tão forte que por quatro dias ele não conseguiu caminhar.

Alguns imigrantes como Angel não apenas perdem os seus bens, mas também sua liberdade. Para cruzar a fronteira, eles pagam pelos serviços dos ‘coyotes’, traficantes que cobram U\$ 2.000,00 ou mais para guiar os imigrantes na travessia da fronteira. Sem condições de pagar e vulneráveis também de muitas outras maneiras, eles se tornam presas fáceis da indústria de tráfico e exploração do trabalho. Quando conseguem chegar aos Estados Unidos, são empregados nas fazendas ou inseridos em redes de prostituição como recurso para poder pagar as dívidas. Isto os leva não apenas a serem destituídos de tudo, mas – o que é pior – escravizados! Depois que tudo lhes foi tirado, muitos imigrantes declaram que a única coisa que permitiu que eles perseverassem foi a sua fé e a esperança em Deus.

Quando eu encontrei Manuel, ele estava de pé, parado na beira da estrada, balançando garrafas plásticas de água. Ele acabara de percorrer sessenta milhas (aproximadamente 96 Km) pelo deserto, e quando ele não pôde mais continuar, seus amigos o abandonaram. ‘Foi horrível - disse ele - primeiro fiquei sem comida, depois fiquei sem água. Então comecei a rezar.’ Quando eu perguntei de que maneira ele rezava, ele disse: ‘Eu, de repente, percebi que o único amigo que eu tinha era Deus. Todos os meus outros amigos me abandonaram, mas eu percebi que Deus era o único amigo que nunca me deixaria.’ Falando mais de sua própria vida, disse que a compara com a de Jó que, como ele, perdeu seu lar, sua família, seus bens, sua saúde e inclusive seus amigos. “A história de Jó é a minha história! Jó é uma inspiração para mim. Apesar de tudo aquilo que Jó passou - continuou Manuel - ele nunca amaldiçoou a Deus.

De algum modo, tudo o que eu tenho aprendido na vida é como suportar o sofrimento, e Jó me desafia a ter fé em meio ao sofrimento.”⁹ Como Jó, imigrantes tais como Manuel percebem que eles vêm ao mundo nus e deixarão o mundo nus. É o tempo no meio destes dois momentos que é o mais difícil, quando mesmo a busca pelo pão cotidiano é uma constante luta.

‘Eu estava doente e cuidaram de mim’

Doença é uma constante para muitos imigrantes ao longo da fronteira. A maioria não está acostumada aos esforços físicos que a viagem exige, ou aos terrenos acidentados e desérticos. Cactus, *mesquite*¹⁰ e outras árvores espinhosas causam cortes e escoriações; as trilhas rochosas causam distensões, luxações e fraturas. Além disso, os imigrantes deparam-se com animais peçonhentos, tais como escorpiões e cascavéis, dos quais tentam prevenir-se, à noite, esfregando alho em seus corpos antes de deitar no solo desértico. Ferimentos, no deserto, podem ser fatais, uma vez que os *coyotes*, com freqüência, deixam para trás os feridos ou os membros mais fracos de um grupo, mesmo que isso represente a possibilidade de morrer.

As mais sérias doenças, entretanto, resultam das altas temperaturas, que podem exceder os 49° C à sombra. Tais condições levam à desidratação, incapacidade para urinar, pulsação fraca ou rápida, vômito e diarreia. Câimbras acometem as pernas, braços e parede abdominal, e os imigrantes começam a sentir dores de cabeça, tontura e perturbações psíquicas. O corpo começa a perder sua capacidade de se esfriar e, se não tratar, a pessoa

pode perder a consciência.

Depois de quatro dias no calor do deserto, César contou-me um pouco de como ficou doente:

“Eu não podia ouvir direito. Eu comecei a ouvir um zumbido em minhas orelhas e comecei a ficar tonto. Minha boca tornou-se seca a ponto de eu não poder salivar... Eu não conseguia provar até mesmo a água que nós tínhamos. Então minha visão começou a ficar obscura. Cada um de meus companheiros parecia estar pálido. Minhas mãos e pés ficaram dormentes. As bolhas estavam tão grandes em meus pés que eu não podia senti-los mais. Comecei a ficar com uma terrível dor de cabeça, e eu podia na verdade sentir meu coração bater devagar, devagar. Tudo parecia estar envolto numa neblina, como se fosse em câmera lenta. Meu nariz começou a sangrar e senti minha garganta estreitar. Eu pensei: é agora! É agora que eu vou morrer... Eu não tinha mais força nenhuma para continuar... mas eu roguei a Deus um pouco mais de força... e, milagrosamente, eu encontrei esta força para seguir andando.”

Cesar continuou a dizer que esta experiência deu a ele uma compreensão inteiramente nova da tentação de Jesus no deserto (Mateus 4, 1-11):

“Talvez a maior tentação foi simplesmente resignar-me, abandonar a caminhada, permitir a mim mesmo morrer no deserto. E teria sido mais fácil fazer isto, mas foi quando eu vi os rostos de meus filhos atrás de mim, e a lembrança deles deu-me a força para continuar andando, continuar lutando, sem me entregar.”¹¹

Em meio a tanto sofrimento, não é difícil ouvir imigrantes que, em vez de enfatizar a dor pela qual estão passando, agradecem a Deus pelo dom da vida, mesmo quando esta vê-se ameaçada por todos os lados.

‘Eu estava na prisão e vocês foram me visitar’

É a busca por pão que com frequência guia os imigrantes a atravessar a fronteira; tragicamente, esta busca os transforma em criminosos. De um lado, estão as motivações que os impulsionam a providenciar sustento para suas famílias; de outro, está a lei norte-americana que os persegue por causa disso. Quando são presos pelos agentes de patrulha da fronteira, são levados a centros de detenção para imigrantes, onde são recolhidas suas impressões digitais, são processados, detidos e deportados para seus países de origem. Eles retornam a seus lares mais pobres do que quando partiram e, desta maneira, continuam como que espremidos entre a pressão da pobreza e os perigos de cruzar novamente a fronteira.

Além dos riscos de encarceramento físico, muitos imigrantes se encontram aprisionados por todos os tipos de estereótipos negativos que os humilham como seres humanos. Desde os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, as distinções entre traficantes de drogas, terroristas e imigrantes ficaram menos claras, embora nenhum dos terroristas envolvidos no ataque tenha vindo da fronteira sul e a maioria tenha entrado nos Estados Unidos por vias legais. Com muita frequência imigrantes mexicanos são vítimas de racismo, xenofobia e nacionalismo egocêntrico.

Em anos recentes surgiram vários grupos de vigilantes armados¹² ao longo da fronteira México-EUA declarando temporada aberta contra os imigrantes invasores. Alguns grupos, tais como o “American Border Patrol”, o “Ranch Rescue” e várias milícias do

Arizona, têm declarado uma verdadeira guerra contra os imigrantes. Imigrantes tornam-se como que bodes expiatórios para os problemas nacionais e alvos para aqueles que buscam uma solução fácil para um tema complexo. “Se eu pudesse fazer do meu jeito - disse um rancheiro - eu encheria de balas cada um deles”. E muito pouco está sendo feito para impedir que isso realmente aconteça. Um líder dos vigilantes, chamado Jack Foote, resumiu seus sentimentos quando disse:

“Você e a grande maioria dos seus companheiros montes de merda são ignorantes, sem educação e desesperados por uma vida numa nação decente, pois a nação que vocês vivem não é nada mais do que um monte de merda de cachorro, feita de milhões de pequenas merdas de cachorro como você. Vocês ficam à toa a vida inteira, lamentando como são ruins as coisas na droga do seu país, esperando que a nação de vocês, tal como um cachorro, coloque seu rabo sob nossas cercas e cague cada um de vocês nos nossos quintais.”¹³

Enquanto estes grupos de vigilantes representam o extremo sentimento anti-imigrante, muitos imigrantes interiorizam o sentimento de serem ‘ilegais’ em vários níveis. O termo ‘estrangeiro ilegal’ não apenas diz respeito ao seu status político, mas também caracteriza a desconexão que muitos sentem em outros níveis de sua existência. Se nós podemos rotular algo como ‘estrangeiro’ no drama da imigração na fronteira USA-México – certamente ‘estrangeiro’ para a mente e o coração de Cristo – seria melhor considerar estes imigrantes como uma ameaça à Igreja e à sociedade mais do que um dom¹⁴. Entretanto, é a experiência de suprema rejeição que leva muitos deles a identificar-se com um Deus que foi também uma vez rejeitado, um Deus que cruzou

fronteiras, que imigrou, que sofreu e que desceu ao inferno – como eles desceram no deserto – para libertá-los e trazê-los para um lugar de esperança, liberdade e vida.

Ninguém precisa ter um olhar muito aguçado para perceber nas lutas dos imigrantes a presença de Cristo crucificado hoje. Imigrantes experimentam uma crucificação econômica em sua pobreza, uma crucificação política em sua marginalização, uma crucificação legal em seu status de indocumentados, uma crucificação cultural em seus deslocamentos de um país a outro, uma crucificação social na separação de suas famílias e entes queridos, e em muitas vezes algo comparável a uma crucificação física nas dolorosas mortes que muitos já sofreram. Para os indocumentados, cruzar a linha para o lado dos Estados Unidos representa verdadeiramente uma Via-Sacra.

Não apenas a doutrina social católica afirma que o verdadeiro teste de uma sociedade está no modo como ela trata seus membros mais vulneráveis, mas Mateus 25 nos desafia igualmente a ver a face de Cristo nas faces dos famintos, sedentos, estrangeiros, nus, doentes e encarcerados. Como a comparação com Mateus 25 sugere, a história dos imigrantes indocumentados ao longo da fronteira USA-México está inextricavelmente entrelaçada com a história da redenção de uma nação. Numa sociedade tal como a dos Estados Unidos, que se orgulha de sua auto-suficiência, estes imigrantes revelam estarem completamente necessitados e dependentes de Deus; os afortunados, entretanto, engenhosamente mascaram sua fome, sede e nudez espiritual. Numa cultura que prima pela prosperidade econômica, os imigrantes, vistos por alguns como uma ameaça ao bem comum, falam de uma riqueza que não

pode ser adquirida. E numa nação que se preocupa muito com a própria segurança, muitos destes imigrantes manifestam uma extraordinária segurança em sua fé e uma comovente habilidade para louvar a Deus, embora eles estejam sofrendo muito como forasteiros indesejáveis numa terra estranha. Como um advogado para os imigrantes disse:

*“... nós vemos no imigrante uma crítica à modernidade e à racionalidade iluminista, ao individualismo e à auto-suficiência..., eles nos apresentaram com uma nova compreensão de como viver e ser no mundo. Como Jesus, eles criticam a sociedade pela sua própria maneira de viver e de agir no mundo”.*¹⁵

Os imigrantes nos motivam a refletir as questões sobre nossa própria segurança, sobre a profundidade de nossa própria dependência de Deus, sobre nossa própria obstinação, e sobre nossa disposição em depender de outros.¹⁶ Em síntese, os imigrantes revelam uma verdade sobre a vida que apenas em Deus podemos encontrar. Como Jon Sobrino recentemente assinalou, “fora dos pobres não há salvação”. Os imigrantes não apenas nos impelem às obras de misericórdia de Mateus 25, mas nos desafiam a encontrar na presença do estrangeiro a presença de Cristo em nosso meio.**

** Daniel Groody, csc, é Prof. Assistente de Teologia e Diretor do LEPC no Instituto para Estudos Latino-Americanos da Universidade de Notre Dame. Durante muitos anos trabalhou na América Latina, particularmente na fronteira EUA-México.*

*** Este texto foi publicado, originalmente, na revista inglesa “The Way” (abril/04), com o apoio do “Lilly theological research grants program”.*

NOTAS

1- Imigrante mexicano, entrevistado pelo autor em 18 de julho de 2003, gravação em fita cassete, Sasabe, Arizona.

2- John Annerino, *Dead in Their Tracks: Crossing America's Desert Borderlands* (Nova Iorque: Four Walls Eight Windows, 1999), 40-42.

3- Imigrante mexicano, entrevistado pelo autor em 18 de abril de 2001, gravação em fita cassete, Tijuana, México.

4- Mulher de San Diego, entrevistada pelo autor em 18 de abril de 2001, gravação em fita cassete, San Diego, Califórnia.

5- Imigrante mexicano, entrevistado pelo autor em 15 de junho de 2003, gravação em fita cassete, Altar, México.

6- Imigrante mexicano, entrevistado pelo autor em 15 de junho de 2003, gravação em fita cassete, Altar, México.

7- Imigrante mexicano entrevistado pelo autor em 15 de novembro de 1999, gravação em fita cassete, Coachella, Califórnia.

8- “We Almost Suffocated in the Trailer Truck”, *Houston Catholic Worker*, 23/4 (Julho-Agosto 2003), 1, 8.

9- Imigrante mexicano entrevistado pelo autor em 18 de junho de 2003, gravação em fita cassete, Arivaca, Arizona.

10- Nome de duas variedades de arbustos, da família das leguminosas, que crescem no sudoeste dos EUA e no México, utilizadas como forragem. (N.doT.)

11- Imigrante mexicano entrevistado pelo autor em 22 de junho de 2003, gravação em fita cassete, Tucson, Arizona.

12- Vigilante: membro do *vigilance committee*, uma corporação civil para manter a ordem local. (N.doT.)

13- Este parágrafo é extraído de Bob Moser: ‘Open Season: As Extremists Peddle Their Anti-Immigrant Rhetoric along the Troubled Arizona Border, a Storm Gathers’, <http://www.splcenter.org/intelligenceproject/ip-index.html>, 20 June 2003.

14- William Fay, ‘Catholic Social Teaching and the Undocumented’, em www.clincllegal.org

15- Robin Hoover, entrevistado pelo autor em 15 de junho de 2003, gravação em fita cassete, Tucson, Arizona.

16- Para mais reflexões sobre migrantes e salvação, conferir Diane Bergant, “Ruth: The Migrant Who Saved the People”, in *Migration, Religious Experience and Globalization*, editado por Gioacchino Campese e Pietro Ciallella (Nova Iorque: Centro de Estudos Migratórios, 2003), 49-61.